

Fotografia e imprensa ilustrada no Brasil em meados do século XIX: a *Semana Illustrada* (1860-1876)

Enviado em:
30/05/2013
Aprovado em:
09/09/2013

Bruna Oliveira Santiago

Mestranda em História
Universidade de São Paulo

bruna.santiago@acad.pucrs.br

Resumo

Este artigo discute a relação entre fotografia e imprensa ilustrada na segunda metade do século XIX no Brasil, enfatizando um exemplo pioneiro na utilização de imagens: a *Semana Illustrada* (1860-1876). A invenção da fotografia e sua difusão no Brasil se dão em um contexto de ampliação da demanda pela representação visual. A evolução das técnicas de impressão vem ao encontro da demanda por imagens, que era cada vez maior. Desta forma, a imprensa ilustrada da época procura publicar imagens em suas páginas, muitas delas baseadas em fotografias, de modo a suprir a demanda pelo visual. Com o recrudescimento da presença imagética nos periódicos, a cultura visual se modifica, bem como a relação das pessoas com o mundo. Com isso, o cotidiano passa a ser permeado por imagens.

145

Palavras-Chave

Fotografia, Imprensa ilustrada, Cultura visual

Abstract

This article discusses the relation between photography and illustrated press at the second half of nineteenth century in Brazil, emphasizing a pioneer example in the use of images: the *Semana Illustrada* (1860-1876). The invention of photography and its diffusion take place in a context of increasing demand of visual representation. The evolution of the technics goes towards the demand for images, which was increasing more and more. Thus, the illustrated press started to use images on its pages, many of then based on photographs, with the aim of supplying the demand for the visual. With the increasing of the visual presence, the visual culture changes and the relation between people and the world became permeated by images.

Keywords

Photography, Illustrated press, Visual culture

Introdução

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre a cultura visual a partir da relação existente entre fotografia e imprensa ilustrada. Em meados do século XIX, a invenção da fotografia causou impactos profundos na maneira de enxergar o mundo. A imprensa, no seu importante papel de veículo informativo da época, incorporou essas mudanças. O exemplo mostrado aqui consiste na primeira revista ilustrada brasileira a fazer uso sistemático de imagens em suas páginas. *A Semana Ilustrada* circulou no mercado editorial durante 16 anos e seu aspecto visual exercia grande importância. Muitas das imagens presentes na revista eram baseadas em fotografias – em plena fase de consolidação –, fato que demonstra a sua forte influência.

Na primeira parte do artigo, tem-se uma breve explanação sobre a invenção da fotografia, seu caráter múltiplo e sua chegada em território brasileiro. Outro fator importante para entender a relevância da fotografia é o contexto em que ela surge: um tempo moderno e cada vez mais ligado à velocidade. Na parte seguinte, é a imprensa que entra em cena ao lado da fotografia, para evidenciar as influências que a fotografia exerceu na imprensa ilustrada. A terceira parte do artigo mostra como a fotografia aparecia na *Semana Ilustrada* e como se dava seu uso pelo periódico. Por fim, à guisa de conclusão, a última parte discorre sobre o papel da fotografia na imprensa.

Fotografia, uma invenção múltipla

O anseio de representar o mundo por meio de imagens incitou pesquisas, que culminaram no processo fotográfico. Acredita-se que a primeira fixação de imagens foi feita no ano de 1827 por Joseph Nicéphore Niépce, através da heliografia. Mas a invenção da fotografia é atribuída a Louis Jacques Mandé Daguerre, que, associado Niépce, criou, em 1839, um processo para fixar a imagem numa placa de cobre e prata, denominado *daguerreótipo*. Anos depois, William Henry Fox Talbot patenteia sua invenção, o *calótipo*, um negativo que permitia a reprodução de vários positivos a partir da imagem gravada no negativo.

Não obstante, antes mesmo de a invenção da fotografia por Daguerre ser noticiada no Brasil, ela já havia sido descoberta por Hercule Florence, um francês radicado no Brasil, que vivia na Vila de São Carlos (atual cidade de Campinas).

Segundo Erivam Morais de Oliveira (2007), o termo fotografia foi cunhado em 1832 por Hercule Florence em colaboração com o boticário Joaquim Corrêa de Mello para denominar um processo que ambos vinham desenvolvendo, o qual consistia em fixar imagens com ajuda da luz. Consta que a gravação da primeira imagem foi feita em no ano seguinte, em 1833. Apesar das importantes descobertas de Florence, o reconhecimento de sua descoberta só se daria mais de um século depois, com as pesquisas de Boris Kossoy.¹

Rosana Horio Monteiro (2008), em seu estudo sobre a descoberta da fotografia no Brasil, destaca que a mesma é uma invenção múltipla, pensada por diversos pesquisadores simultaneamente e que envolve uma série de negociações (MONTEIRO Rosana, 2008). Outro fator relevante nesse processo é o contexto de produção que incide sobre as técnicas desenvolvidas. A autora afirma que, no caso de Florence, a precariedade de seus aparatos foi justamente o que fez com que ele se aprofundasse nas pesquisas com a fixação de imagens pela luz. Além do mais, Florence mantinha uma comunicação intensa com as novidades da ciência, graças aos seus interlocutores e outros viajantes que estavam de passagem pelo Brasil.

Tal fato demonstra que a fixação de imagens era um processo em vias de investigação, tendo em vista o fato de que a sociedade necessitava de novos meios de representação. A invenção ótica que se desenvolvia fazia parte de uma sociedade que se educava visualmente e, assim, nutria interesse pelas imagens. “A fotografia é uma convenção do olhar e uma linguagem de representação e expressão de um olhar sobre o mundo” (MONTEIRO Charles, 2008: 174).

O surgimento da fotografia está situado em um contexto de visualidade intrinsecamente ligado aos novos tempos, em que a rapidez é cada vez mais valorizada. Tal valorização não fica restrita aos meios de comunicação e transporte. A demanda pelo registro visual responde às exigências dessa sociedade, que se move em ritmo acelerado e que, por isso, demanda um aparato tecnológico que responda às suas necessidades.

A modernidade da fotografia e a legitimidade de suas funções documentais repousam sobre os vínculos estreitos que ela mantém com os fenômenos mais emblemáticos da sociedade industrial: o impulso das metrópoles e da economia monetária, a industrialização, as transformações do espaço, do tempo e das comunicações, mas também a democracia (ROUILLE, 2005:

1 Sobre este assunto, consultar a seguinte obra: KOSSOY, Boris. **Hercules Florence: 1833, a descoberta da fotografia no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

29).²

A fotografia desembarca oficialmente no Brasil somente no ano de 1840, quando Louis Comte traz daguerreótipos da França, que encantam o imperador D. Pedro II. Entretanto, a popularização da fotografia vai se dar em 1854, com a invenção, de Eugène Disdéri, do formato *carte-de-visite*, que proporcionou uma produção em maior número dos retratos fotográficos, com custo reduzido. Com essa popularização, a fotografia virou uma febre nos centros urbanos da época. “Pela primeira vez na história, a ampla massa de pessoas tiveram acesso a meios de gravar sua aparência para a posteridade” (MIRZOEFF, 1999: 71).³

A partir do momento em que a fotografia se popularizou, permitiu o desenvolvimento de uma visualidade na qual o consumo de imagens se tornou mais presente na vida das pessoas, conforme salienta Annateresa Fabris:

Pensar a fotografia em suas múltiplas relações com a sociedade oitocentista implica, como primeira operação crítica, analisá-la à luz das especificidades das ‘imagens de consumo’, daquelas imagens impressas e multiplicadas, que constituem o esteio da comunicação desde a Idade Média e que determinam a visualidade própria da era pré-fotográfica (FABRIS, 1998: 11).

148

A fotografia vai, portanto, ao encontro dos interesses da sociedade industrial, com um registro instantâneo e eternizado pelo papel fotográfico. O contexto da invenção da fotografia é o tempo em que as grandes cidades crescem e se transformam prodigiosamente. Invenções como a locomotiva, o telefone e o telégrafo, dentre tantas outras, passam a fazer parte do cotidiano das pessoas que vivenciavam aquela época repleta de mudanças. Assim, tem-se que a “fotografia criou uma nova relação com a experiência do tempo que era totalmente moderna” (MIRZOEFF, 1999: 69).⁴

2 Do original: La modernité de la photographie et la légitimité de ses fonctions documentaires reposent sur les liens étroits qu'elle entretient avec les phénomènes les plus emblématiques de la société industrielle : l'essor des métropoles et de l'économie monétaire, l'industrialisation, les bouleversements de l'espace, du temps et des communications, mais aussi la démocratie (tradução da autora).

3 Do original: “For the first time in history, the broad mass of the people had access to a means of recording their appearance for posterity” (tradução da autora).

4 Do original: “Photography created a new relationship to the experience of time that was thoroughly modern” (tradução da autora).

O novo modo de ver o mundo: a fotografia na imprensa ilustrada

No século XIX, a fotografia impactou o modo de enxergar o mundo, o que, também, atingiu a imprensa. É por volta de 1840 que surgem os primeiros periódicos que colocam notícias em suas páginas fazendo uso de imagens derivadas de fotografias.⁵ No Brasil, a tecnologia da época não permitia que as imagens fossem impressas na mesma página que o texto, por isso poucos periódicos traziam imagens. De acordo com Oliveira (2010), foi apenas em 1880 que as revistas ilustradas começaram a utilizar a fotografia propriamente dita.

A crescente demanda fez com que começasse a se desenvolver métodos para gravar imagens nas páginas dos periódicos. Tem-se que a imprensa ilustrada se serviu amplamente da fotografia para difundir imagens.

Pouco tempo depois do advento da fotografia, já surgiam as primeiras obras impressas (livros e periódicos) ilustrados com fotografias ou com cópias declaradamente 'féis' de fotografias, com o objetivo de nos proporcionar informação por intermédio deste novo processo de representação iconográfica, portador de uma evidência e de um poder de comunicação visual sem precedentes na história da humanidade (ANDRADE, 2004: 7).

149

A principal técnica utilizada para gravar imagens nas páginas era a litografia, na qual o desenho era feito às avessas numa pedra porosa e depois era feita a impressão no papel. Ângela Maria Cunha da Motta Telles (2007) afirma que, a partir dos anos 1860, começaram a surgir diversas revistas ilustradas que utilizavam a prática litográfica para registrar em suas páginas os costumes da época.

Como não havia tecnologia viável que permitia imprimir as fotografias direto nas páginas da revista, o método litográfico foi a maneira encontrada para gravar as imagens. Annateresa Fabris (1998) destaca a litografia como ponto culminante quando se fala em um novo estatuto imagético. Para a autora, as raízes do consumo da fotografia estão no método litográfico, já que este responde às demandas industriais do momento: era um método de fácil execução e baixo custo de produção.

A cultura visual do século XIX foi influenciada pela fotografia, artefato que correspondeu às necessidades da sociedade daquele período. A partir de seu

5 Alguns exemplos dessa época inicial são os seguintes periódicos: *Revue Française*, *Revista Nacional e Estrangeira* e *Marmota Fluminense*.

advento, os objetos passaram a ser vistos de diversas formas, dependendo do ângulo tomado pelo fotógrafo. Essa nova maneira de ver configurou a nova visibilidade que surgia, já que as coisas receberam novos olhares. Além dos novos olhares, havia aquilo que não recebia olhares, ou seja, o não visto, que também queria dizer muito.

Neste modelo global da modernidade do meio do século XIX, a máquina fotográfica vem ter um papel imenso: produzir as visibilidades adaptadas à nova época. Menos figurar novas coisas, que extrair das coisas novas evidências. Pois as visibilidades não se reduzem aos objetos, às coisas ou às qualidades sensíveis; elas correspondem a uma luminosidade sobre as coisas: uma forma de ver e de fazer ver, uma distribuição particular do opaco e do transparente, do visto e do não visto (ROUILLE, 2005: 44).⁶

Na introdução de sua tese sobre a imprensa ilustrada francesa entre 1843 e 1914, Thierry Gervais faz algumas considerações acerca da imprensa ilustrada em si. A ênfase de sua pesquisa é a ilustração fotográfica, prática muito comum para a publicação de imagens pela imprensa. O autor afirma que “a imprensa ilustrada demonstra duas ambições indissociáveis: difundir informação e seduzir seu público leitor pela imagem” (GERVAIS, 2007: 11).⁷ Portanto, ao mesmo tempo em que divulgava uma imagem em suas páginas, chamava a atenção para o aspecto visual.

A importância da imagem na sociedade do século XIX está associada à invenção e consolidação da imagem fotográfica, já que “a fotografia incide de vários modos no imaginário social” (FABRIS, 1998: 25). Desta forma, a sociedade que produz e consome fotografias demonstra interesse por esse tipo de registro. Isso significa que existe um ciclo retroativo, no sentido de que a fotografia atinge o imaginário social e é atingida por ele.

150

6 Do original: “Dans ce cadre global de la modernité du milieu du XIXe siècle, la machine-photographique vient tenir un rôle immense : produire les visibilités adaptées à l’époque nouvelle. Moins figurer de nouvelles choses qu’extraire des choses de nouvelles évidences. Car les visibilités ne se réduisent pas aux objets, aux choses ou aux qualités sensibles; elles correspondent à un éclairage porté sur les choses: une façon de voir et de faire voir, une distribution particulière de l’opaque et du transparent, du vu et du non vu” (tradução da autora).

7 Do original: “la presse illustré fait preuve de deux ambitions indissociables: diffuser de l’information et séduire son lectorat par l’image” (tradução da autora).

O pioneirismo da *Semana Illustrada*

Com o uso das imagens em periódicos e sua popularização em meio ao público leitor, as revistas ilustradas ganharam espaço na imprensa. Paulo Knauss (2011) destaca que sua novidade mais relevante foi a afirmação do papel da imagem, já que os jornais pouco faziam uso de imagens em suas páginas. Como já foi dito, o primeiro periódico que se afirmou no mercado editorial foi a *Semana Illustrada*. É nesse sentido que entra sua inovação:

É indiscutível o caráter visionário, pioneiro em termos nacionais, de Henrique Fleiuss quanto a este aspecto. Mediante a leitura daquele periódico, inúmeros brasileiros foram aprendendo a atentar para o fato de uma imagem reproduzida em suas páginas ser a materialização visual de uma narrativa originalmente verbal, esboçada, desenhada ou fotografada (ANDRADE, 2004: 151).

Antes da *Semana Illustrada* já existiam periódicos com ilustrações, mas eram publicações esporádicas e não consistiam em periódicos especializados. Após seu advento, o público leitor de periódicos foi aos poucos se habituando a uma narrativa em forma de imagem. Segundo Telles (2007), o surgimento da *Semana Illustrada* inaugura uma nova fase da imprensa ilustrada durante o Segundo Reinado. Até o momento de seu lançamento, nenhuma outra publicação tivera tanta longevidade. Seu sucesso foi tão grande que ela conseguiu ficar na ativa durante 16 anos, o que não ocorrera a outros periódicos no cenário brasileiro. Uma das razões de sua popularidade consiste no tratamento diferenciado das imagens e em sua qualidade gráfica.

A *Semana Illustrada* lançou-se no mercado editorial da imprensa em 16 de dezembro de 1860, sob a direção do prussiano Henrique Fleiuss. Era semanal e publicada sempre aos domingos, como consta na capa (figura 1). Quanto à distribuição dos conteúdos, continha em média oito páginas, sendo que quatro eram destinadas apenas a ilustrações e as outras quatro eram preenchidas com textos. Como revista de variedades, continha crônicas, poesias e contos. Sodré (2011) fornece a informação de que Fleiuss confeccionou e litografou a revista sozinho até a edição de número 10, sendo auxiliado depois por diversos colaboradores, dentre eles Joaquim Manuel de Macedo e o jovem escritor Machado de Assis.

A ilustração da capa da primeira edição (figura 1) ocupa posição de destaque e “faz parte da identidade visual da *Semana Illustrada*” (ANDRADE, 2004: 124).

O título aparece em letras grandes em meio a uma profusão de ilustrações que mostram cenas do cotidiano. No centro, há o desenho de um homem vestido com ornamentos, que incluem um chapéu com penas e a cruz de malta pendurada no pescoço. Com uma mão ele segura uma edição da *Semana Illustrada* e, com a outra, faz funcionar uma lanterna mágica,⁸ numa consonância com as tendências visuais da época e retomando o título dado por Manoel Araújo Porto-Alegre ao seu periódico.

Atente-se para o frontispício da *Semana Illustrada* nos anos de 1860, com a imagem do caolho de chapéu emplumado e trajes de bufão cercado de figurinhas e personagens (como na vinheta do *Le Charivari*, dos anos de 1830) fazendo funcionar uma “la(n)terna mágica”, onde se lê “*Ridendo castigat mores*”. Lembremos que a divisa do jornal *La Caricature*, nos anos de 1830, era “*Castigat ridendo mores*” (SALGUEIRO, 2003: 27).

152

É necessário lembrar ainda a influência europeia nos periódicos brasileiros e a consonância da *Semana Illustrada* com o mercado editorial internacional. As influências que ajudaram Fleiuss a gestar a *Semana Illustrada* advinham dos famosos periódicos ilustrados que já circulavam na Europa desde a primeira metade do século XIX.⁹ Tanto o aspecto visual quanto o conteúdo textual têm relação com as revistas estrangeiras (figura 2).

A fim de melhor compreender o projeto e as intenções da *Semana Illustrada*, convém apresentar características presentes em sua edição inaugural. Na figura da capa, uma frase inscrita na lanterna mágica chama a atenção: “ridendo castigat mores”, expressão latina que significa “rindo castigam-se os costumes”. Percebe-se aí a importância do humor como elemento-chave na revista, cuja intenção já se colocava no editorial da primeira edição.

8 Instrumento de ótica que projeta imagens em uma parede ou em um pano branco. As figuras são desenhadas em um vidro fino, que era colocado no aparelho com lentes e espelhos e aumenta de tamanho com a projeção. Era um divertimento apreciado no século XIX. A autora Heliana Angotti Salgueiro salienta que a lanterna mágica era a síntese de uma época dominada pela imagem.

9 Exemplos desse tipo de periódico já foram citados no capítulo anterior. São os periódicos *The Illustrated London News* (Inglaterra) e *L'Illustration* (França), mais voltados para o tema de variedades, e *Punch* (Inglaterra) e *Le Charivari* (França), ambos de cunho satírico.



Figura 1 – Capa da primeira edição
 Fonte: *Semana Illustrada*, n. 1, 1860

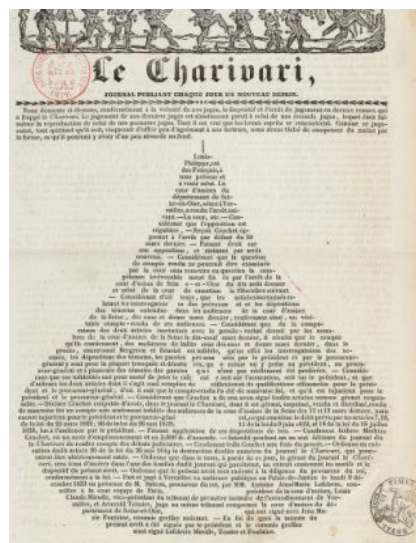


Figura 2 – *Le Charivari*, 1834
 Fonte: Bibliothèque Nationale de France

Logo abaixo da primeira ilustração, há uma convocação direcionada aos leitores que quisessem colaborar: “Os Senhores, que nos quiserem honrar com artigos e desenhos terão a bondade de remette-los em carta fechada á Redacção da *Semana Illustrada*, na Rua do Ouvidor N° 87, livraria de F. L. Pinto & C.”¹⁰ Assim, a revista abre espaço para os próprios leitores colaborarem com a publicação. Para proceder às assinaturas, o preço estava discriminado ao lado do aviso: para a Corte, os preços da assinatura trimestral, semestral e anual eram, respectivamente, 5\$000, 9\$000 e 16\$000; para o resto do país, os valores eram 6\$000, 11\$000 e 18\$000. O número avulso custava 500 rs.

Na metade inferior da página, o desenho mostra um indivíduo sentado numa espécie de carruagem, que é puxada por seres alados. Este é o Dr. Semana, acompanhado por seu escravo Moleque, personagens-símbolo da *Semana Illustrada*. Dr. Semana passeia sobre a América do Sul, mais especificamente sobre o território brasileiro. Em suas mãos há um binóculo que, simbolicamente, mesmo à distância, permite que ele visualize tudo ao seu redor. Na bandeira hasteada é possível ler a seguinte inscrição: “Sol lucet omnibus”, ou seja, “o sol brilha para todos”. A legenda informa que “a *Semana Illustrada* começa sua viagem humorística pela America Meridional”.

¹⁰ As citações referentes a trechos da publicação estão escritas com a grafia original.

A partir desta data a revista continuará sendo uma das principais do mercado editorial brasileiro durante 16 anos, até o fatídico ano de 1876, quando encerrou suas atividades. Este ano é marcante para a imprensa ilustrada brasileira, já que um grande periódico encerrou suas atividades, ao mesmo tempo em que outros periódicos de destaque tiveram início, dentre eles a *Revista Illustrada*, liderada por Ângelo Agostini.¹¹

O diretor da *Semana Illustrada* era Henrique Fleiuss, nascido em 29 de agosto de 1823 em Colônia, na Alemanha. Depois de completar os estudos iniciais, foi para Dusseldorf buscar aperfeiçoamento na área das artes. Consta que Fleiuss chegou ao Brasil no ano de 1858, recomendado pelo viajante Karl Friedrich Phillipe Von Martius,¹² que se correspondia frequentemente com o imperador D. Pedro II.

Fleiuss desembarcou em Salvador e só rumou para o Rio de Janeiro em 1859. Já em 1860, abriu uma oficina tipo-litográfica com Carlos Fleiuss e Carlos Linde. No final deste mesmo ano, surgiu a *Semana Illustrada*. A divulgação do lançamento, que garantiu o sucesso da nova revista, foi feita da seguinte forma: a primeira capa foi reproduzida e espalhada pela cidade. “Para despertar a curiosidade do público leitor, Fleiuss produziu o primeiro cartaz-anúncio que se tem notícia no Brasil” (GUIMARÃES, 2006: 88).

No momento em que a imprensa começou a utilizar a fotografia para publicar acontecimentos em suas páginas, alterou-se a forma de apresentação dos periódicos. Neste sentido, o pioneirismo de Fleiuss é evidente.

No Rio de Janeiro, foi Henrique Fleiuss quem mais se esforçou e avançou, mesmo que pouco, no sentido de viabilizar essa evolução técnica – e mais, essa nova concepção da visualidade –, favorecendo a nova forma narrativa em nossa imprensa ilustrada (ANDRADE, 2011: 53).

A Guerra do Paraguai (1865-1870) foi um acontecimento bastante retratado nas páginas das revistas ilustradas. O conflito coincidiu com a época de difusão da fotografia e consistiu na primeira guerra fotografada em que havia a participação do

11 Exemplos de outros títulos importantes são: *Ilustração do Brasil*, *Ilustração Popular*, *O Besouro*. Vale citar também a *Ilustração Brasileira*, tentativa de Henrique Fleiuss de se inserir no mercado novamente. Não logrou sucesso e a revista encerrou as atividades dois anos depois.

12 Von Martius e J.B. Spix realizaram uma missão científica no Brasil entre 1817 e 1820, convidados pela primeira imperatriz do Brasil, D. Leopoldina.

Brasil. Revistas como a *Semana Illustrada*, o *Bazar Volante* e *A Vida Fluminense* apresentaram imagens que tinham por objetivo informar os cidadãos sobre as últimas novidades do cenário da guerra.

Em alguns casos, a imagem mostrada era claramente uma cópia de um original fotográfico, conforme mostra a figura 3, cuja legenda é: “Esta mulher acompanhou sempre o exercito do general Flores, vestida de homem. Morreu em Paysandú. O retrato é fiel; foi copiado de uma photographia.” Como se pode perceber, o estatuto de realidade conferido ao registro fotográfico fornecia aos leitores da *Semana* a garantia de estar diante de um testemunho fiel. A legenda, por sua vez, reforça tal ideia.



Figura 3 - Cópia fiel

Fonte: *Semana Illustrada*, n. 222, 1865

Uma imprensa que se vê: o papel da imagem

O século XIX marca um tempo em que a dimensão visual entra na vida das pessoas e assume importância sem precedentes. Nas palavras de Ana Mauad, “a cultura visual dos jornais, revistas e das ruas abre uma janela para o cotidiano oitocentista na Corte do Rio de Janeiro” (MAUAD, 2008: 80). Em meados do

século, a imprensa vê surgir um novo tipo de periódico, a revista ilustrada, que conta com farta ilustração para saciar os leitores ávidos por imagens.

O interesse dos leitores pelas imagens é percebido através de um anúncio publicado na própria *Semana Illustrada* destinado aos leitores, no qual há o anúncio que fala de uma comissão de fotógrafos contratados pela revista que vão ao Mato Grosso para fotografar eventos de interesse, provavelmente associados à Guerra do Paraguai:

Temos a satisfação de anunciar aos leitores da *Semana Illustrada* que uma comissão de engenheiros da força expedicionaria de Matto-Grosso, que segue hoje para essa provincia, estudou em nossa casa a photographia e levou uma machina e as necessarias preparações afim de tirar vistas e tudo o que possa haver de interessante, para junto com as necessarias descrições ser publicado na *Semana*.

Congratulamo-nos por tão importante coadjuvação, que de certo augmentará muito o interesse que o publico tão benevolamente tem mostrado á nossa publicação.

Os cinco membros da commissão phohographica são: capitão, Antonio Florencio Pereira do Lago; tenente, João da Rocha Fragoso; dito, Catão Augusto dos Santos Roxo; dito, José Eduardo

Barbosa; dito, Alfredo d'Escragnole Taunay. (FLEUISS, 1865: 7)

156

A diferença com relação aos outros tipos de periódicos residia na utilização do recurso imagético. “As revistas ilustradas marcaram sua diferenciação em relação à imprensa diária através do apelo das imagens, consolidando o processo de massificação da fotografia iniciado em meados do século XIX” (COSTA, 1993: 78). A imprensa brasileira passou por grandes modificações desde o seu início, a fim de se adaptar às exigências do público leitor, cada vez mais inserido em um mundo permeado pelo visual.

A presença da imagem, portanto, alterou de maneira significativa a relação do leitor com a imprensa, relação esta que passou a ser intermediada por meio das imagens. A tecnologia litográfica facilitou a impressão de imagens no papel e, desta forma, contribuiu para sua difusão. Com esta difusão de imagens cada vez mais intensa, ao lado da influência da fotografia, a visualidade se alterou significativamente. Os textos sozinhos não mais satisfaziam o público. Convém sublinhar que a narrativa visual não substituiu a textual, mas criou com ela uma relação muito estreita na construção do sentido.

No que diz respeito ao tom crítico da *Semana Illustrada*, considera-se que Henrique Fleiuss “ofereceu uma representação humorística singular do cenário

social da Corte brasileira, palco das tensões e contradições que marcavam uma sociedade escravocrata com pretensões à civilização e ao progresso” (NERY, 2011: 174). Através de sua pena perspicaz, Fleiuss conseguiu unir sua proximidade com o imperador a críticas de certos costumes da sociedade imperial.

Uma das ferramentas para a crítica dos costumes na foi o recurso à imagem. A fotografia aparecia também como artefato a serviço do humor, para fazer crítica à sociedade carioca, como demonstra a figura 4. A ilustração apresenta aos leitores do periódico uma crítica com relação à alimentação. A legenda diz: “A questão das carnes verdes, verdadeiramente representada por uma photographia dos Srs. Carneiro & Gaspar - Cada um dos meninos bonitos corta um bom pedaço; ao mercado chegam somente os galhos e a cauda 400 rs por libra”.

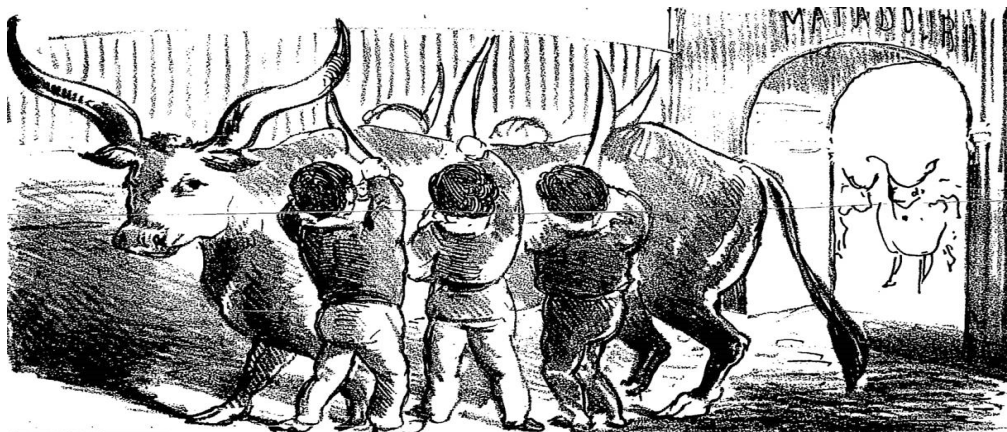


Figura 4 - Crítica aos costumes
Fonte: *Semana Illustrada*, n. 367, 1867

Na imprensa ilustrada de meados do século XIX no Brasil, fotografia e imprensa tinham uma relação muito próxima e complementar. A demanda pelo visual e as inovações técnicas permitiram o advento da ilustração nas revistas. O exemplo analisado aqui consiste em um periódico pioneiro no uso de imagens e que usou fotografias como base para suas ilustrações, já que a fotografia estava em pleno processo de consolidação e ganhava cada vez mais espaço.

As imagens veiculadas na *Semana Illustrada*, tanto as charges quanto as figuras feitas com base em fotografias, forneceram uma representação visual da sociedade brasileira de meados do século XIX, através do ponto de vista do prussiano Henrique Fleiuss. Tais imagens consistiram em uma dentre muitas formas de olhar o Brasil.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 281p.

COSTA, Helouise. *Da Fotografia de Imprensa ao Fotjornalismo*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, p. 75-85, jan./dez., 1993.

FABRIS, Annateresa. A Invenção da Fotografia: Repercussões Sociais. In: _____ (Org.). *Usos e funções da fotografia no século XIX*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 11-38.

GERVAIS, Thierry. Introduction. In: _____. *L'illustration photographique : naissance du spectacle de l'information*. (1843-1914). Thèse (Doctorat en Histoire et Civilisation). École des Hautes Études em Sciences Sociales. Disponível em: <<http://issuu.com/lhivic/docs/l-illustration-photographique>>. Acesso em: 13 set. 2012.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Henrique Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na Corte (1859-1882)”. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 85-95, jan./jun., 2006.

KNAUSS, Paulo. Introdução. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ. 2011. p. 7-14.

_____. “O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual”. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 163 p.

LA PRESSE À LA UNE, Le Charivari, nº 58, page une. 27 février 1834. BnF, Philosophie, Histoire, Sciences de l'homme. Disponível em : http://expositions.bnf.fr/presse/grandmobile/z_pre_026.php. Acesso em: 24 ago. 2012.

MAUAD, Ana Maria. As fronteiras da cor: imagem e representação social na sociedade escravista imperial. In: _____. *Poses e flagrantes: ensaios História e Fotografias*. Niterói: UFF, 2008. p. 75-92.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45. 2003. p. 11-36.

_____. Rumo a uma “História Visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 33-56.

MIRZOEFF, Nicholas. *An introduction to visual culture*. London: Routledge, 1999.

MONTEIRO, Charles. “A pesquisa em História e Fotografia no Brasil: notas bibliográficas”. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 169-185, dez. 2008.

MONTEIRO, Rosana Horio. “Cultura Visual: definições, escopo, debates”. *Domínios da Imagem*, Londrina, n. 2, p. 129-134, maio, 2008.

NERY, Laura. Os sentidos do humor: Henrique Fleuiss e as possibilidades de uma sátira bem comportada. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ. 2011. p. 173-187.

OLIVEIRA, Erivam Moraes de. *O pioneiro da fotografia no Brasil*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-pioneiro-fotografia-brasil.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2013.

_____. *O resgate da ética no fotojornalismo: a banalização das imagens nos meios de comunicação*. In: Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ); XIII Encontro Nacional de Professores de Jornalismo; IX Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino de Jornalismo, 2010, Viçosa.

159

ROUILLÉ, André. Entre document et expression. In: _____. *La Photographie*. Paris: Gallimard, 2005. p. 23-71.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *A comédia urbana: de Daumier a Porto-Alegre*. São Paulo: Fundação Álvares Penteado, 2003.

Semana Illustrada, n. 1. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro e Companhia, 1860.

_____, n. 225. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro e Companhia, 1865.

SODRÉ, Nelson Werneck. A imprensa do Império. In: *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 273-368.

TELLES, Ângela Maria Cunha da Motta. As revistas ilustradas na produção e circulação de imagens no século XIX. In: _____. *Desenhando a nação: Revistas Ilustradas no Rio de Janeiro e Buenos Aires na década de 1860 e 1870*. 2007. 231 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2007.